

A FACE FEMININA DA GUERRA

Samyres Amaral Freitas



“Eu entendo que o patriotismo não é suficiente. Não devo ter ódio nem ressentimento de ninguém”.

Edith Cavell (1865-1915), enfermeira-chefe de um hospital da Cruz Vermelha trabalhou em um movimento clandestino que ajudou centenas de soldados prisioneiros a escapar da Bélgica que estava sob ocupação alemã. Quando descoberta foi condenada à morte por fuzilamento, em 1915. Sua morte causou uma série de revoltas e campanhas contra a Alemanha.

A Primeira Guerra Mundial contou com importante atuação das mulheres antes e durante a guerra, na linha de frente – embora ainda de forma tímida - e no suporte, buscando mudanças sociais significativas.

O caráter de guerra total do conflito exigiu um enorme esforço humano no combate e uma armaria pesada. Os avanços tecnológicos militares e as trincheiras como modo de campanha mobilizaram homens dos mais diversos países para guerrear. Além disso, a Europa encontrou-se em uma situação completamente nova onde as populações civis, mesmo longe de qualquer campo de combate, estavam expostas à fome e às doenças causadas pela guerra.

Contando com uma campanha curta, a maioria dos países não tinha planos de longo prazo nem para a indústria, nem para distribuição de alimentos. Os cartões de racionamento e as filas intermináveis para receber

comida – que na Rússia tornaram-se foco revolucionário - eram o cotidiano das populações civis, que foram forçadas a conviver com o período de recessão.

As mulheres sempre estiveram presentes na guerra como vítimas ou enfermeiras, porém a Primeira Guerra exigiu a participação delas de uma forma sem precedentes. Enquanto muitas sufragistas lutavam pelo direito de servir das mulheres, milhares de municionetes foram trabalhar nas fábricas. Elas eram necessitadas em todo lugar, o que significou grande estímulo para a abertura de novas oportunidades de emprego e direitos civis. Nos Estados Unidos, imediatamente após o fim da guerra, foi decretado o voto feminino.

A participação feminina no campo transparece na “Women’s Land Army”, uma associação inglesa criada para regularizar o trabalho remunerado e de tempo integral para mulheres na agricultura. Somente na Grã Bretanha mais de 113.000 mulheres dedicaram-se a isso durante a guerra. Já no setor burocrático os avanços foram mais discretos, porém, mais permanentes. Elas normalmente trabalhavam em agências do governo.

Na área da medicina podemos citar o “Scottish Women’s Hospitals” e a “Cruzada das Mulheres Portuguesas” que atuaram na frente de batalha ocidental, cuidando de soldados feridos.

Rimma Mikhailovna Ivanova

Segunda mulher na história a entrar no exército russo. Em 1915, recebeu a condecoração de mais alto grau da época, por decreto de Nicolau II, como heroína. Sua façanha militar foi, aos 21 anos, incitar um ataque que a lançou para as trincheiras inimigas depois da morte de dois oficiais de seu regimento. Nessa batalha sofreu um ferimento grave que levou a sua morte.

Maria Bochkareva

Organizadora do Batalhão da Morte do exército russo, todo composto por mulheres. As mulheres do Batalhão raspavam a cabeça e vestiam-se com uniformes comum do exército. Partiram para frente de batalha, lutar nas trincheiras.

Portanto, a participação das mulheres na Primeira Guerra Mundial foi muito mais efetiva que em conflitos anteriores e esta fortaleceu a luta dos movimentos feministas e garantiu a elas direitos civis no pós-guerra. Entende-se também, que estes foram conseguidos por conta do importante papel delas no conflito e, embora ainda faltasse muito para elas se afirmarem na sociedade, foi uma grande vitória. Foram mulheres que se empenharam no esforço de guerra, substituindo seus maridos, filhos e netos que foram para o campo de batalha. Além daquelas que foram lutar ao lado deles, indo contra a os princípios do patriarcado.

“We are here not because we are law-breakers; we are here in our efforts to become law-makers”

(Emmeline Pankhurst, líder do movimento sufragista inglês).

Bibliografia

1. WILLMOTT, HP - Primeira Guerra Mundial, Nova Fronteira, 2003
2. COOK, A. Bernard - Women and War. A Historical Encyclopedia from Antiquity to the Present. ABC-CLIO, Estados Unidos, California, 2006.
3. CAMPOS, Ludimila Caliman. 2012. No Afrouxar dos Espartilhos. Uma análise interdisciplinar acerca da formação da identidade ocidental feminina durante Primeira Guerra Mundial sob a ótica da indumentária. Mato Grosso do Sul. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 12 – UFGD. p. 7-11
4. ALEKSANDR, Rorolkov. 2014. A Outra Face da Guerra. Gazeta Russa. Disponível em: <http://br.rbth.com/arte/2013/06/13/face_feminina_da_guerra_tem_uma_longa_historia_19805.html>